

## NESTA EDIÇÃO:

- Webinar celebra 20 anos de COIL
- FAUBAI 2026
- PCI na área têxtil com o Peru
- Artigo de Opinião: Cultivando PCIs duradouros

**VEm é uma publicação dos Projetos Colaborativos Internacionais (PCIs) da CGESG  
- Coordenadoria Geral de Ensino Superior de Graduação do Centro Paula Souza.**

---

## **Fale conosco**

Se você deseja desenvolver um PCI com instituições internacionais, entre em contato conosco pelo [cgesg.pci@cps.sp.gov.br](mailto:cgesg.pci@cps.sp.gov.br)

---

## **Expediente CPS**

Presidente: Clóvis Dias  
Vice-Presidente: Maycon Geres  
Chefe de Gabinete da Presidência: Otávio Moraes

### **Expediente Coordenadoria Geral de Ensino Superior de Graduação (CGESG)**

Coordenador Geral: Robson dos Santos  
Coordenador Acadêmico-Pedagógico: André Luiz Braun Galvão  
Chefe de Divisão de Extensão e Pesquisa no Ensino Superior: Carla Aparecida Pedriali Moraes  
Coordenação de Apoio à Internacionalização do Ensino Superior: Osvaldo Succi Junior

---

## **Expediente VEm**

Corpo Editorial - Equipe de Apoio à Internacionalização do Ensino Superior: Maria Claudia Nunes Delfino, Neusa Haruka Gritti, Osvaldo Succi Junior, Patrícia Sales Patrício, Priscilla de Souza Ferro e Regiane Souza Camargo Moreira  
Capa, projeto gráfico e diagramação: Nelson Caramico  
Jornalista Responsável e Comunicação: Patrícia Sales Patrício - MTb 25.131

VEm: Virtual Exchange Medium é um informativo com publicação bimestral da CGESG/CPS:  
Rua dos Andradas, 140 - Santa Efigênia - 01208-000 - São Paulo – SP - ISSN 2965-8888

# Aos Leitores

Oswaldo Succi Jr. - Coordenador de Projetos



**E**ste número de VEm convida a refletir sobre a consolidação e o futuro dos Projetos Colaborativos Internacionais (PCIs) desenvolvidos nas Fatecs. Em março de 2026, representei o Centro Paula Souza (CPS) e a América Latina no webinar organizado pela Fundação COIL Connect, que celebrou os 20 anos da abordagem COIL (*Collaborative Online International Learning*). O evento gratuito reuniu vozes de diferentes continentes para discutir conquistas, desafios e o papel central das relações humanas na educação global. Na FAUBAI 2026, apresentei três trabalhos, evidenciando experiências que reafirmam o impacto dos PCIs na educação profissional e tecnológica. A edição apresenta ainda um PCI realizado entre a Fatec Americana e o CEAM (Peru) na área têxtil, ilustrando como o Intercâmbio Virtual promove aprendizagem significativa, diálogo intercultural e desenvolvimento profissional. Para produzir o Artigo de Opinião, reunimos a equipe de Apoio à Internacionalização do Ensino Superior da Divisão de Extensão e Pesquisa da Coordenadoria Geral de Ensino Superior de Graduação do CPS e dialogamos sobre aprendizagens acumuladas pela equipe, apontando fatores de sucesso dos PCIs e cuidados no planejamento, execução e avaliação, para que se tornem colaborações duradouras.

## **Deseja contribuir com Artigo de Opinião?**

Escreva para [cgesg.pci@cps.sp.gov.br](mailto:cgesg.pci@cps.sp.gov.br).

Boa leitura!

# Webinar celebra 20 anos de COIL

**E**m 24 de março de 2026, a Fundação COIL Connect organizou um webinar comemorativo de 20 anos de abordagem COIL (*Collaborative Online International Learning*), iniciada em 2006 na SUNY. No evento gratuito, palestraram Lavern Samuels (Durban University of Technology, África do Sul); Francesca Helm (Università di Padova, Itália; UNICollaboration); Osvaldo Succi Junior (Centro Paula Souza, Brasil) e Hope Windle (SUNY COIL Center, EUA). A moderação foi de Jon Rubin, criador da abordagem COIL e da Fundação COIL Connect (EUA), que completa 5 anos em 2026.

*Join the debate of 20 Years of COIL Virtual Exchange and the Future of Global Collaboration.*

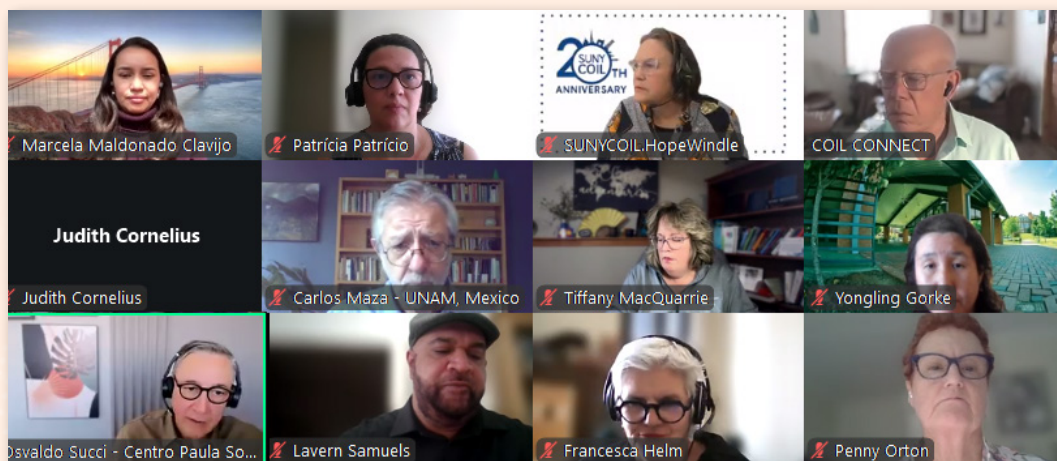
**Speakers:**



 <b>Hope Windle</b> Director, SUNY COIL Center	 <b>Dr. Osvaldo Succi Junior,</b> COIL VE Coordinator for Undergraduate Higher Education, Centro Paula Souza,	 <b>Francesca Helm, PhD</b> Associate Professor, University of Padua & Research Officer, UNICollaboration	 <b>Dr. Lavern Samuels</b> Director of International Education and Partnerships, Durban University of Technology	 <b>Jon Rubin</b> COIL Connect Director and Founder Moderator of the Session
--	---	---	--	---

**Lavern Samuels**, falando do continente africano, citou a experiência da Durban University of Technology, que saltou de 2 para 200 projetos COIL nos últimos anos. Chamou a abordagem de “provocativa” e afirmou que “a introdução do COIL permitiu que as universidades tenham excelência em níveis nunca imaginados”. Defendeu ainda que a experiência do AfriCOIL transforma os estudantes em agentes de mudança e permite exposição internacional para quem não tem condições de viajar ou fazer intercâmbios físicos.

Sobre perspectivas do COIL para os próximos anos, Lavern Samuels ressaltou a importância do *storytelling* para recontar o passado, refletir o presente e reimaginar o futuro. Chamou a comunidade COIL de “coalizão de comprometidos, que desejam trazer mudança, apesar de todas as adversidades”.



**Francesca Helm**, da Europa, lembrou que, no início dos Intercâmbios Virtuais, eram indivíduos fazendo os projetos, sem suporte institucional. Recordou o impacto da pandemia de Covid-19 no aumento exponencial da aprendizagem online e nos projetos de Intercâmbio Virtual. Ponderou que na Europa o foco sempre priorizou a mobilidade física e as parcerias regionais com o programa Erasmus. Observou que há pouca pesquisa em grande escala sobre projetos e iniciativas de COIL; a pesquisa é feita em projetos isolados ou em pequena escala. Citou o *Journal of Virtual Exchange*, principal publicação acadêmica voltada para a área.

Em relação aos desafios e perspectivas para o futuro próximo, mencionou os temas de justiça social, tensões políticas e decolonialidade. Sobre os conflitos e guerras, questionou: “Se em Gaza as pessoas estão procurando comida e segurança, como vão pensar em COIL?”. Ainda assim, Francesca acredita nos Intercâmbios Virtuais como pontes para países em conflito e defendeu princípios de equidade, compromisso e solidariedade acadêmica.

**Osvaldo Succi Junior**, representando o CPS e a América Latina, destacou que o aniversário de 20 anos de COIL e 5 de Fundação COIL Connect é muito mais do que um marco na linha do tempo: “representa uma mudança no que entendemos

por 'global' na educação global". Para esta fala, decidi **não** abordar o tema da Inteligência Artificial e focar nos aspectos humanos dos projetos COIL: relacionamento, confiança e aprendizagem além das fronteiras. "Testemunhei a América Latina emergir como uma potência do Intercâmbio Virtual, impulsionada por uma ecologia linguística única, na qual 19 países compartilham uma língua comum (20, se incluirmos Porto Rico)".

O coordenador da Área de Apoio à Internacionalização do Ensino Superior da Divisão de Extensão e Pesquisa da Coordenadoria Geral de Ensino Superior do CPS mencionou as "*clases espejo*" que, durante a pandemia, evoluíram para parcerias no estilo COIL na América Latina. "No entanto, ainda enfrentamos uma tensão estrutural: em muitos lugares, o domínio limitado do inglês influencia quem participa, o grau de confiança com que interagem e o quanto o intercâmbio pode parecer 'global'. Essa tensão é particularmente acentuada no Brasil – mas temos enfrentado esse desafio de frente por meio de uma longa tradição em telecolaboração, baseada no modelo Teletandem para o aprendizado de idiomas. Aproveitando esse impulso, o Centro Paula Souza tornou-se o primeiro no Brasil a adotar o COIL em 2013, e continuamos sendo um dos principais atores nessa área até hoje".

Oswaldo Succi comentou que, no Brasil, os projetos COIL avançam mais lentamente que em outros países da América Latina. Entre os fatores estão as **limitações técnicas** (estudantes somente conseguem acessar por celular e têm limitações de banda na internet), o **isolamento linguístico**, já que o país não fala espanhol e muitos docentes têm baixa proficiência oral em espanhol e inglês, e o **número reduzido de parceiros lusófonos**, o que dificulta a expansão das parcerias internacionais.

Outro obstáculo é a dificuldade de transformar o COIL, frequentemente mantido pela paixão e não por diretrizes formais, em política institucional. O COIL é visto como "líquido" (em referência a Zygmunt Bauman), pois está repleto de variáveis instáveis como diferenças de fusos horários, calendários acadêmicos distintos e parceiros que podem ser excelentes educadores, mas não são considerados "referenciais canônicos". Sem contar o receio de estar encenando um "espetáculo" cultural, em vez de uma exploração profunda em temas interculturais. "Para alguns, o COIL parece uma série de instantâneos: rostos nas telas, sorrindo, e logo a imagem desaparece. Para muitos, o COIL não é tão 'concreto' quanto um aluno

dentro de um avião. Precisamos reconhecer essa necessidade de certeza se quisermos construir uma ponte rumo ao apoio institucional.”

Para conquistar esse reconhecimento, Osvaldo Succi propõe a construção de **métricas e indicadores sólidos; articulação de comunidades e redes internacionais**, como COIL Connect, IVEC, SUNY COIL Center, Red LatAm COIL; e **uso de narrativas pessoais** que conectem o COIL a temas globais urgentes, fortalecendo sua relevância educacional.



**Hope Windle**, falando do berço do COIL – a SUNY –, destacou a evolução de uma iniciativa experimental para um ecossistema global de colaboração acadêmica. O COIL ampliou seu alcance, formando consórcios regionais, fortalecendo comunidades “glocais” e conectando-se cada vez mais ao desenvolvimento profissional dos estudantes. A prática passou por fases sucessivas — desafios tecnológicos, de consciência cultural, esforços para equidade e decolonização — e agora integra carreiras e pesquisa, tornando-se parte estratégica das instituições.

“A mudança de participação para interdependência é que torna o COIL transformador”, afirma. Ao engajar a troca entre estudantes de diferentes culturas e

realidades, eles desenvolvem habilidades essenciais como comunicação intercultural, distribuição de tarefas, empatia e adaptabilidade. Em um contexto de desinformação, os projetos COIL deslocam o foco de “aprender sobre culturas” para “aprender com” pessoas reais dessas culturas. “Isso cria perspectiva, pensamento crítico, de formas que o conteúdo isolado não consegue fazer”.

A diretora do SUNY COIL Center destacou que os professores que fazem projetos COIL não são apenas instrutores, são *coaches* (mentores) que ajudam os alunos a navegarem pelas complexidades, construir confiança e vencerem as diferenças: são dimensões emocionais que criam impacto duradouro.

Hope Windle notou que, apesar de avanços, persistem desafios: visibilidade, apoio institucional, desequilíbrios de poder e barreiras linguísticas. O futuro exige incorporar projetos COIL nos currículos, fortalecer parcerias equitativas e comunicar melhor seu impacto a empregadores e governos. “Com o crescimento da Inteligência Artificial, as competências humanas se tornam ainda mais valiosas e o COIL desenvolve habilidades que as máquinas não conseguem: empatia, colaboração, perspectiva”.

E entou o seu mantra: “*COIL is a WE thing*”, uma “coisa de nós”, um movimento comunitário e colaborativo, cujo crescimento depende das pessoas que o constroem. Convidou a seguir expandindo, refinando e humanizando essa prática para que todo estudante tenha uma experiência COIL ao longo de sua formação.



# CPS apresenta práticas de Internacionalização em Casa na FAUBAI 2026

**O**svaldo Succo Junior, coordenador da Área de Apoio à Internacionalização do Ensino Superior da Divisão de Extensão e Pesquisa no Ensino Superior (Depes) da Coordenadoria Geral de Ensino Superior de Graduação (CGESG) do Centro Paula Souza (CPS), apresentou três trabalhos na conferência internacional FAUBAI 2026. O evento, organizado pela Associação Brasileira de Educação Internacional (FAUBAI), aconteceu em Florianópolis de 11 a 15 de abril, com o tema “*Internationalisation for a Multipolar World*”.

As apresentações evidenciam o protagonismo do CPS em práticas inovadoras de Internacionalização em Casa, com foco na educação profissional e tecnológica. Com Caio Cesar Souza (Senac-SP), Osvaldo Succo Junior apresentou o plano de desenvolvimento de docentes para atuação em projetos COIL (*Collaborative Online International Learning*) no contexto da educação técnica e vocacional.

Desde 2013, o CPS desenvolve Projetos Colaborativos Internacionais (PCIs, nomenclatura local dos projetos COIL). Entre 2013 e 2025, foram realizados 750 PCIs envolvendo 57 Fatecs e 94 Instituições de Ensino Superior internacionais, engajando cerca de 15 mil fatecanos e 15 mil estudantes das instituições parceiras. A equipe de Apoio à Internacionalização do Ensino Superior da Depes/CGESG/CPS prepara os professores de Fatecs para atuação nos PCIs por meio de mentorias e participação em redes internacionais de COIL. O Senac está desenvolvendo um plano de capacitação docente, integrando o COIL às disciplinas.



Com Luciane Stallivieri (Universidade Federal de Santa Catarina) e Eva Haug (Amsterdam University of Applied Sciences), Oswaldo Succi Junior discutiu pertencimento e inclusão em projetos COIL, com estratégias pedagógicas e institucionais para fortalecer o engajamento e a equidade na conexão entre estudantes de diferentes países. Os professores compartilharam um “kit de ferramentas” e técnicas de facilitação como *storytelling* cultural, feedback estruturado entre estudantes, rotação de funções de liderança e linguagem inclusiva.

O terceiro trabalho analisou uma experiência de colaboração virtual entre Brasil e Chile, relacionando projetos COIL ao marco de referência da UNESCO-UNEVOC sobre inovação no ensino e formação técnica e profissional. Victoria Traverso Castro e Oswaldo Succi Junior defendem integrar explicitamente a Internacionalização em Casa como dimensão estratégica da inovação e reconhecer a importância dos Intercâmbios Virtuais para o ensino e a formação profissional.

Luciane Stallivieri  
(UFSC), Osvaldo  
Succi (CPS) e Eva  
Haug (Amsterdam  
University of  
Applied Sciences)



Além das comunicações acadêmicas, o evento permitiu o fortalecimento e ampliação da rede de contatos internacionais. A participação reforça o compromisso da equipe de Apoio à Internacionalização da CGESG/CPS com ações de Internacionalização em Casa inclusivas e alinhadas às demandas do mundo do trabalho, ampliando oportunidades globais para estudantes e professores das Fatecs.

## **Indicação para comissão avaliadora**

Em 2 de abril de 2026, Osvaldo Succi Junior foi indicado pela FAUBAI para compor a comissão avaliadora do BRaVE (Brazilian Virtual Exchange), que analisa propostas de Instituições de Ensino Superior brasileiras candidatas ao selo BRaVE. O CPS conquistou esse selo em outubro de 2022. O FAUBAI-BRaVE é um programa que incentiva a qualificação das Instituições de Ensino Superior associadas para a realização de Intercâmbios Virtuais.

# Tecendo conexões

**R**ealizado no segundo semestre de 2025, o Projeto Colaborativo Internacional “*Conociendo las características del tejido denim en Perú y Brasil: Diferencias y similitudes en los procesos de desarrollo y lavados*”, realizado entre a Fatec Americana e o Centro de Altos Estudios de la Moda (CEAM, Peru), teve como objetivo principal proporcionar aos participantes uma imersão comparativa nas particularidades do tecido denim, abrangendo desde suas características técnicas e estéticas até os processos de desenvolvimento e beneficiamento, com foco nas realidades produtivas do Brasil e do Peru. A iniciativa visou fomentar a colaboração internacional, o intercâmbio cultural e o desenvolvimento de competências essenciais para o mercado global da moda.

Tanto a Fatec Americana quanto o CEAM têm cursos focados na área de moda e têxtil, o que permitiu um intercâmbio de conhecimentos sobre processos e tecnologias específicas do setor. “Foi uma excelente oportunidade para os alunos conhecerem uma nova cultura, de maneira geral; e dentro da própria disciplina, entender como os processos de beneficiamento do denim são feitos em outro país. É um conhecimento que vai além da sala de aula”, comenta Daives Araken Bergamasco, que conduziu o PCI junto ao curso de Design de Moda, em colaboração com a professora peruana Aida Esperanza Custodio Vivar de Valencia.

Professor Daives Bergamasco, em viagem de férias ao Peru

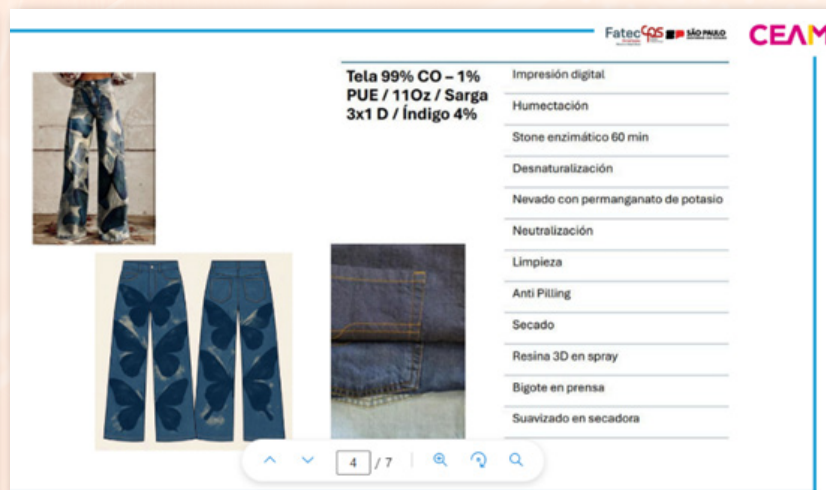


Daives ressalta a necessidade de desenvolver uma boa estrutura de projeto, mas com flexibilidade para fazer as adaptações que forem necessárias. Destaca ainda a importância de estimular os estudantes para que a interação com os colegas estrangeiros não seja “robótica”. O professor relata que “no início, a comunicação foi bem tímida, mas do meio para o final do projeto, os alunos conseguiram estabelecer uma relação muito sólida e focada nas atribuições dos trabalhos propostos”.

Os estudantes interagiram em grupos de WhatsApp e publicaram os resultados dos trabalhos no Padlet. Os peruanos elaboraram os croquis das calças jeans e os brasileiros escolheram os melhores tecidos e processos produtivos para executar as peças. O aluno Leonardo Lopes de Medeiros resume entusiasmado sua participação no projeto: “Participar do PCI/COIL com a faculdade CEAM, do Peru, foi uma das experiências mais marcantes da minha graduação. Trocar ideias com estudantes de outro país, com outra cultura e outra forma de ver o mundo da moda, abriu minha cabeça de um jeito que nenhuma aula convencional conseguiria. Foi incrível perceber como os processos criativos podem ser tão diferentes dependendo de onde você vive. A gente conseguiu comparar nossas referências, aprender com as diferenças e, juntos, mostrar como transformar ideias criativas em produtos reais de moda — o que, no fim das contas, é exatamente o que a gente estuda para fazer. Além de tudo que aprendi na prática, essa experiência me mostrou o quanto o setor têxtil é relevante globalmente e como a colaboração entre países pode fazer a formação da gente ser muito mais rica. O projeto prova que aprender vai além das paredes da sala de aula — e que, quando a gente abre espaço para o diferente, o resultado é sempre mais interessante.”

Abaixo: Leonardo Lopes de Medeiros, aluno da Fatec Americana

À direita: Apresentação final de um dos grupos: aliando criatividade e técnica têxtil



# Cultivando PCIs duradouros



Maria Claudia Delfino



Neusa Haruka Gritti



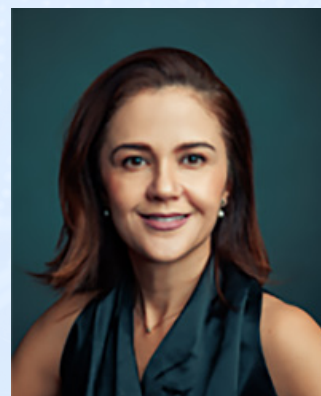
Osvaldo Succi Junior



Patrícia Sales Patrício



Priscilla Ferro



Regiane Camargo

**O**s Projetos Colaborativos Internacionais (PCIs) são atividades de extensão institucional das Fatecs, que oferecem oportunidades de Internacionalização em Casa para os estudantes, desenvolvendo competências linguísticas, socioemocionais, digitais e interculturais, imprescindíveis para a atuação no mercado de trabalho.

A equipe de Apoio à Internacionalização ao Ensino Superior (AIES) da Divisão de Extensão e Pesquisa no Ensino Superior (Depes) da Coordenadoria Geral de Ensino Superior de Graduação (CGESG) do CPS se reuniu no início de abril para uma reflexão coletiva a partir de duas questões norteadoras:

1. Quais os fatores de sucesso dos PCIs?
2. Como planejar, executar e avaliar um PCI para que se torne uma parceria estável e duradoura?

De acordo com as discussões da equipe, um dos principais fatores de sucesso é a **sintonia** entre todos os participantes. Sintonia vai além da afinidade entre docentes: envolve alinhamento de expectativas, objetivos de aprendizagem convergentes, compreensão mútua dos contextos institucionais e disposição para o diálogo intercultural. Quando professores, estudantes e equipes de coordenação compartilham propósitos claros, o projeto tende a fluir de forma mais orgânica.

Outro elemento central é a **autonomia**, tanto docente quanto discente. PCIs eficazes são aqueles que reconhecem os professores como autores do projeto e os estudantes como sujeitos ativos do processo de aprendizagem. Cada participante é corresponsável pelo sucesso coletivo do PCI.

Esse ponto se conecta com outro aspecto essencial, a **colaboração efetiva**. Não funciona com a fórmula “cada grupo faz sua parte, depois apresenta ao outro e compara os resultados no final do projeto”. Os grupos de estudantes são mistos (Fatec + instituição internacional) e as atividades devem ser desenvolvidas em conjunto. Os PCIs, dentro da abordagem COIL (*Collaborative Online International Learning*), pressupõem interação significativa entre estudantes de diferentes países, mediada por tarefas colaborativas, negociação de sentidos e construção conjunta de conhecimento. É nesse percurso – e não apenas no produto – que se desenvolvem competências acadêmicas, profissionais e socioemocionais.

Somam-se a esses fatores a **gestão do tempo** e o **planejamento realista**. Diferenças de calendário acadêmico, fusos horários e rotinas institucionais, incluindo o

perfil dos fatecanos (trabalhadores que estudam), tornam o tempo um dos principais desafios dos PCIs. Pesquisas de percepção realizadas com discentes participantes de PCIs em 2021 e 2022 e publicadas em edições anteriores de VEm (números 8, 12 e 14) mostram que “gerenciar o tempo” está entre os principais desafios encontrados. PCIs bem-sucedidos respeitam essas limitações, estabelecem cronogramas possíveis e preservam margens de adaptação ao longo do caminho.

## Antes de cultivar, é preciso semear

O planejamento de um PCI começa muito antes do contato entre estudantes. Ele se inicia no chamado **matchmaking**: a identificação de parceiros cujas expectativas, áreas de conhecimento e objetivos de aprendizagem dialoguem entre si. Projetos podem ser intra, inter ou transdisciplinares. O que importa é ter clareza sobre o que se espera aprender, ensinar e construir colaborativamente.

A localização de parceiros, o design e acompanhamento dos PCIs ocorrem com a mentoria da equipe da AIES/Depes/CGESG. Um bom design de projeto funciona como uma âncora em mares instáveis. Embora a imprevisibilidade seja inerente aos PCIs, especialmente em contextos interculturais, referências claras ajudam docentes e estudantes a se orientarem ao longo do percurso. Planejar, nesse sentido, não é engessar, mas criar condições para que o projeto se sustente mesmo diante de ajustes necessários. Traçar um mapa para transitar no território sem se perder, apesar das mudanças de rota.

Na **execução**, a flexibilidade assume papel central. Os PCIs/COIL exigem capacidade de renegociação constante, escuta ativa e abertura para o erro como parte do processo formativo. A experiência mostra que resultados significativos não estão necessariamente associados a produtos/entregáveis complexos, mas a percursos coerentes, bem mediados e relevantes para os estudantes.

A **avaliação**, por sua vez, precisa ser compreendida em múltiplas camadas. Avalia-se o desenvolvimento do estudante, individual e coletivamente; o próprio projeto; e a parceria estabelecida. Instrumentos avaliativos compartilhados, reflexões conjuntas entre docentes parceiros e a troca intercultural sobre critérios e percepções ampliam a qualidade do processo e fortalecem os vínculos institucionais.

Para cultivar PCIs longevos, é preciso contar com **suporte institucional e reciprocidade entre as coordenações** (Centro Paula Souza e instituições internacionais). Parcerias duradouras dependem não apenas do entusiasmo individual de professores, mas de vínculos institucionais capazes de garantir continuidade, memória do processo e apoio diante dos desafios inevitáveis.

Além disso, a prática da **autocrítica** da equipe se mostra essencial. Ouvir parceiros externos, analisar dados das Pesquisas de Percepção realizadas com alunos e professores e revisitar experiências anteriores permite identificar pontos fortes, fragilidades e caminhos de aprimoramento contínuo. Parcerias duradouras se constroem justamente nessa disposição para pesquisar o processo e aprender com a própria prática.

## Para colher, é preciso podar e adubar

À medida que os PCIs se institucionalizam, cresce o risco de que processos burocráticos se sobreponham à dimensão criativa e cultural dos projetos. Manter o equilíbrio entre organização e abertura é um desafio permanente. Priorizar qualidade e impacto formativo, em vez de apenas números e produtos, é fundamental para preservar a essência colaborativa desses projetos.

A experiência acumulada pela equipe de coordenação dos PCIs aponta que o sucesso dessas iniciativas não está em fórmulas prontas, mas na combinação sensível entre planejamento cuidadoso e flexibilidade, colaboração genuína e reflexão contínua. Para colher resultados duradouros, é preciso saber o tempo de podar e a hora de adubar.

É necessário abraçar a complexidade do encontro intercultural, reconhecer o valor do percurso e compreender que parcerias sólidas se cultivam ao longo do tempo. Mais do que projetos, trata-se de construir relações – e é nelas que reside a verdadeira potência das ações de Internacionalização em Casa proporcionadas pelos PCIs.